

Dos aprendizados políticos na pandemia

POLITICAL LEARNING IN THE PANDEMIC

*Luiz Manoel Lopes**

RESUMO

O presente artigo busca expor aprendizados em torno do que viveremos no período pós-pandemia. Os tópicos apresentados dizem respeito aos cuidados em detalhar a partir do pós-guerra como as relações entre os habitantes dos grandes centros urbanos começam por tornarem-se conflitantes. Todavia, os que vivem nas periferias passam a ser alvo de pesquisas em diversos níveis. Neste escrito, são apresentados os aprendizados em torno dos movimentos políticos que emergem nas periferias de algumas regiões do país trazendo a herança dos pensadores e pensadoras que apareceram naquele período do pós-guerra.

PALAVRAS-CHAVE: política; ética; aprendizado, pesquisa, extensão.

ABSTRACT

The article seeks to expose learning about what we will experience in the post-pandemic period. The topics presented concern the care to detail from the post-war period on how the relations between the inhabitants of large urban centers start to become conflicting. However, those who live in the peripheries are the target of research at different levels. In this writing, the lessons learned about the political movements that emerge in the peripheries of some regions of the country are presented, bringing the inheritance of thinkers who appeared in that post-war period.

KEYWORDS: politics; ethic; learning, research, extension.

* Luiz Manoel Lopes é professor de filosofia da Universidade Federal do Cariri – campus de Juazeiro do Norte.

Introdução

Os nossos aprendizados nestes tempos difíceis, os quais nos solicitam a pesquisar e escrever sobre os descasos que se multiplicam em torno da vida da população e do meio ambiente, são derivados dos esforços que nos levaram em direção aos vários pensadores e pensadoras que se dedicaram a tratar destes problemas que nos atormentam desde o pós-guerra; por isto, elencamos aqueles que mudaram nossos modos de trabalhar as relações entre ética e política. No rol destes pensadores, encontraremos, ao longo do texto, alguns que são mais conhecidos e outros que foram supostamente esquecidos, sem que jamais deixassem de se preocupar com os problemas e os anseios em solucioná-los. Nestes aprendizados trataremos do que as leituras dos textos de Guattari nos levaram a considerar relação ao período que vivemos durante a pandemia e aos que buscamos tecê-los quando estivermos distantes destes tempos tenebrosos.

Félix Guattari (1930-1992) nos deixou um legado, a partir de sua percepção política passamos a pensar as resistências de modo singular, nos aproximamos deste legado pesquisando os relatos das viagens que fizera ao país, nas quais estabeleceu vários contatos e sempre nos alertou para alguns pontos, os quais não podemos deixar de levar em conta quando se trata de ética e política; por isto mesmo, buscamos fazer pesquisas em torno do que ocorreu neste país, sobretudo no período pós-guerra. No nosso caso, nós que lecionamos filosofia, numa universidade pública recém-criada, na região do Cariri cearense, buscamos tentar compreender

como a partir do período pós-pandemia, teremos as árduas tarefas de conviver com a produção de novos currículos, os quais certamente terão como componentes elementos que dizem respeito às diversas fases que se deram desde o período do pós-guerra ao pandêmico. Nesse sentido, buscamos delinear os procedimentos que ocorreram em torno das leituras de pensadoras e pensadores que contribuíram para as mudanças de perspectiva nos nossos modos de pesquisar, ensinar e estender as relações entre filosofia e ciências humanas, sobretudo ressaltando as conexões entre povo, terra e território.

Dos aprendizados com Guattari

De início, começaremos apresentando nossos aprendizados políticos, no período de pandemia, assinalando que ao nos aproximamos dos escritos de Félix Guattari, sobretudo suas entrevistas, sentimos que algo mudou nossos pontos de vistas em relação ao que percebemos nestes tempos difíceis, sublinharemos o quanto este pensador nos ensinou a olhar para as conexões entre geofilosofia e geopolítica com maiores cuidados. Vejamos inicialmente uma citação retirada de uma de suas entrevistas de modo a maior compreensão de nossos aprendizados políticos e os impactos que nos causaram:

Eu disse a mim mesmo, eles precisam parar com isto. Porque eu sou uma pessoa profundamente motivada por questões políticas. Uma discordância teórica não me incomoda, mas uma divergência política pode me fazer explodir completamente. E foi essa divergência política que me levou a tentar, a revisar um pouco, a articular, um pouco todas

as incoerências que haviam na minha atitude como, por exemplo: de um lado eu era um militante de extrema esquerda, lacaniano, um verdadeiro bom aluno de Lacan e, de outro, havia minha prática psiquiátrica. (GUATTARI, 2016, p.94).

É comum encontramos nas apresentações sobre Guattari, notas que indicam ter sido ele um psicanalista e um militante de esquerda, no entanto, em seus depoimentos, vemos que sempre fora visto de soslaio tanto pelos psicanalistas do círculo lacaniano, o qual fazia parte, quanto pelos militantes marxistas de extrema esquerda. Em suas entrevistas percebemos as proximidades de seus posicionamentos e questionamentos mediante as circunstâncias de seu tempo, tais percepções nos levaram a escrever estes aprendizados em que buscamos compreender como ainda existem meios de produzir linhas de construções de novos modos de viver coletivamente; a política torna-se o meio de conseguirmos implementar novos desvios para os descasos que nos deparamos, sobretudo com as populações que habitam as periferias, assim como os descasos para com os povos originários e seu entorno. As indagações sobre os modos que habitaremos este planeta, no período pós-pandemia, nos fazem necessariamente pensar em novas relações entre ética e política. O começo do artigo remeteu-nos aos seus depoimentos em entrevistas, em tais conversas delinearam-se suas tendências para a política. Ora, mas o que conhecíamos sobre Guattari é que ele fazia micropolítica, revoluções moleculares e ecosólicas. No entanto, muitos dos seus trabalhos, independentemente do que escrevera com Deleuze, remetem às políticas danosas de nosso tempo, mais propriamente assinalando às ausências delas. Em uma de suas

entrevistas aponta para as relações entre o elemento maquínico e o distanciamento do trabalho humano; desde este ponto, tratam-se das mutações no capitalismo em que a ausência de política, mediante ao crescimento da miséria, não deixa de ser um outro modo de ver a mesma; a política da decisão em gerar misérias cada vez mais horrendas. Ora, mas existem pontos em que podemos distinguir miséria de pobreza, tal distinção diz respeito a não cairmos nos hábitos de confundir que o pobre é miserável por essência, por natureza.

As novas tecnologias criam meios de produção cada vez mais maquínicos que cada vez menos cedem lugar à força do trabalho humano. Há centenas de milhares de desempregados que estão fora da vida econômica e social, há continentes mergulhados numa insondável miséria, particularmente o continente africano que tem atualmente seiscentos milhões de habitantes em situação dramática e que, daqui até 2025, vai multiplicar por cinco sua composição demográfica, ou seja, vai chegar aos três bilhões de habitantes... E, diante disso, o capitalismo ocidental não tem nenhuma resposta. (GUATTARI, 2016, p.116).

Na seqüência apresentaremos excertos da entrevista concedida em 20 de janeiro de 1992 ao pensador japonês Kunniichi Uno. Nestas linhas, podemos compreender como Guattari possuía percepções agudas em torno das mutações do capitalismo. Nas suas exposições veremos que ao falar do Brasil não o deixa de apresentá-lo apontando potencialidades e ao mesmo o inserindo como um grande mercado em meio às maiores potenciais econômicas. Nas entrevistas, além de discorrer sobre aspectos do país, apresenta também as questões geopolíticas que o encarceram, sobretudo quando se trata do que denomina de controle hegemônico da

subjetividade coletiva promovida pelo poderio norte-americano sobretudo a partir da Guerra do Golfo; é preciso ressaltar que em nosso tempo, pelo menos nesta segunda década de século XXI, a política norte-americana de controlar a subjetividade coletivamente não se apresenta com o mesmo poderio; atualmente o panorama geopolítico remete para as potências que vem da Eurásia, sobretudo China e Rússia as quais mantêm relações de cooperação com o Irã, sendo que tais relações são causadoras dos conflitos geopolíticos atuais sendo a América Latina, o continente que mais sofre os golpes destas fricções. Em 18 de outubro de 2020, ocorreram as eleições na Bolívia em que a extrema-direita saiu derrotada, é preciso atentar para tal mudança no panorama político periférico no capitalismo. O que vai acontecer em termos de mudanças geopolíticas após as eleições nos Estados Unidos? Os pontos que mais nos chamam atenção, nestas entrevistas data de 1982, são as suas previsões para 2025, sobretudo quando se trata do agravamento da miséria promovida pelo capitalismo no continente africano.

Os aprendizados, em torno de Guattari, nos levaram a buscar cada vez mais o que percebia do Brasil em termos de alcance de certa soberania e desprendimentos em relação às potências mundiais, no sentido de apesar de ser submetido às mesmas, poderia construir meios de encontrar pontos de soberania os quais garantiriam independência e autonomia. Ora, alguns destes pontos podemos ver subliminarmente assinalados na citação a seguir em que apresenta temas que nos levam a pensar que o que está nos alertando não remete a um passado muito distante.

“No Brasil existe uma sociedade muito contraditória: uma sociedade industrial muito desenvolvida em São Paulo, e uma sociedade miserável no Nordeste, com culturas negras, heranças africanas, tanto nos domínios da expressão artística, como nos sentimentos religiosos, na comunicação humana. A heterogeneidade dos valores no Brasil é muito grande.” (GUATTARI, 2016, p.124).

Em meio ao que consideramos visão aguçada sobre política, percebemos que as viagens que Guattari fizera aos países, permitiu-lhe ver as potencialidades em direção à construção de novos modos de produção econômicos e sociais, as quais se delineavam entre as décadas de 80 e 90 do século XX. Os nossos aprendizados dizem respeito justamente a tais aspectos, sem deixar de acrescentar em que sentido a filosofia tecendo relações conjuntas com as ciências humanas pode contribuir para a continuidade de programas que visem aos novos convívio sociais de modo a diminuir as desigualdades em todos os níveis, fomentando a inventividade e criatividade latentes nas populações que habitam os mais diversos territórios, sobretudo as regiões periféricas mais adensadas. Vejamos a percepção aguçada de Guattari em mais uma citação:

Mas, o que é interessante também, no Brasil, é que não ficarmos só no nível parcelar das dimensões da revolução molecular. Existe também uma tentativa de construção de um movimento social. Que assola de modo dissensual esses diferentes componentes. Alguma coisa que se organiza em torno do PT, e que controla hoje as grandes cidades brasileiras. O próprio Lula quase foi presidente da República nas últimas eleições. (GUATTARI, 2016, p.124).

As considerações de Guattari nos fazem ver o quanto possuía em termos de percepção sobre os potenciais que poderiam produzir novas

relações entre ética e política em solo brasileiro, sem no entanto deixar de ver as relações entre micropolíticas que emergem mediante as propostas advinhas do meios sociais mais precarizados.

É uma formação política rica, no sentido em que ela prefigura, talvez, uma outra forma, de intervenção política que associa as problemáticas das minorias sociais, dos negros, das mulheres, os problemas das favelas etc, com o problema de uma sociedade industrial a ser desenvolvida. Os problemas ecológicos também são levados em conta por muitos membros do PT. O Brasil é um pouco um laboratório de experimentação social, mas em grande escala. (GUATTARI, 2016, p.124).

Guattari não viu a Floresta Amazônica queimando nem muito menos o Pantanal, não viu o que acontece no país, que visitou muitas vezes, no qual acreditava ser um imenso acelerador de partículas produtor de subjetividades mutantes, ser paralisado pelo veneno fascista; no entanto, como sempre nos remeteu às relações entre caos e complexidade, queremos aqui tentar esboçar sobre política com este pensador molecular o qual nos afeta profundamente. Desde aí, buscamos traçar linhas que apontem para os movimentos que fazem guerras de guerrilhas mediante tais potências que se enrodilham em torno do corpo social tais quais serpentes sorrateiras que transitam em meios as instituições e poderes, que se servem de todos os teóricos elaboradores de filosofias do direito, porém com o intuito de tirarem proveitos lucrativos e ao mesmo tempo desdenhá-los. Guattari certamente estaria dando uns passos a mais do que escrevera sobre ecosofia, impacientemente trataria como obsoletas tais cartografias e estaria, como o vidente que sempre fora, escrevendo e viajando pelos con-

tinentes tecendo como um “vietcong” armadilhas rizomáticas em meios aos encontros com os povos mais imperceptíveis. Nestas horas letárgicas quem não queria estar lendo algo inédito que trouxesse o que não vimos e lemos no presente; Guattari, como um mostrador de afetos políticos, nos ofertaria óculos para vermos o que não conseguimos perceber.

Como fazer política no século XXI sem e ao mesmo tempo com Guattari?

Aprendizados a partir das periferias

Ao nos propormos escrever sobre os movimentos sociais que instauraram novas relações entre sentir e pensar os verdadeiros problemas que assolam as populações e seu meio ambiente, nos pautamos em acompanhar não somente o que está acontecendo no presente, nos direcionamos para algumas passagens do século XX; no período decorrente do pós-guerra, sobretudo entre as décadas de 50 e 70, mais propriamente nas grandes cidades brasileiras, sublinhando o crescimento demográfico proporcionado pela busca de melhores condições econômicas que fez com que populações fossem desterradas; os casos que queremos apontar nos levam em direção aos bolsões de misérias que foram retratados pela escritora *Carolina de Jesus* e pelo médico *Josué de Castro*, os quais em seus livros mais conhecidos apresentaram o tema da fome, tais autores serão tratados neste escrito como propulsores de nossos aprendizados políticos em tempos de pandemia, uma vez que encontramos exemplos de novas sociabilidades coletivas advindas das comunidades periféricas; tais aspectos nos levam a

pensar no que Guattari sempre falara de investimentos de desejo enquanto modos de produção de grupos sujeitos, de agenciamentos coletivos.

Na atualidade, do mundo em que ainda vivemos, encontramos muitos movimentos sociais em comunidades periféricas que almejam novos sentidos coletivos, não é difícil traçar mapas de locais em que tais movimentos aparecem, apesar de não serem tão visíveis assim; ao dizermos destas visibilidades, estamos nos remetendo aos meios que asseguram suas aparições de modo que os possamos pesquisá-los; tratam-se justamente do que Guattari denomina de meios maquinemos, dos meios digitais, das mais diversas plataformas e canais de veiculação de vídeos; no nosso caso, tais encontros se deram em canais em torno das buscas de curtas-metragens sobre periferia, uma vez que queríamos nos aproximar de uma tema que obviamente nos remete para a existência estética, no sentido de produção de novos modos de sentir e pensar a partir daquela realidade conglomerada e forçadamente apartada do que habitualmente considera-se como o urbano por excelência, mas também alertando para modos de existência que levem em conta as circunscrições, as delimitações, as solicitações para pensarmos coletivamente onde podemos chegar.

No nosso caso, não se tratava somente em pensar as formações sociais, queríamos entender como nem todas populações periféricas estão enfeitadas pela fabricação e modelagens em série dos corpos dos humanos, o que é comum nesta segunda década de século XXI, sobretudo quando dizem respeito aos fenômenos visíveis e das ênfases nos lineamentos dos músculos e das exibições protuberantes de anatomias orgânicas. O

que de imediato saltou-nos às vistas, nestas considerações acerca da produção de corpos que visivelmente apresentam-se como os mais saudáveis e potentes, foram os modos em que foram subjetivados e conduzidos às aquisições de tais estéticas; no entanto, tais corpos não foram objetos de exclusões por parte dos movimentos sociais pesquisados; existem muitos corpos com tais formatos nas comunidades, porém cientes de sua posição no processo de contribuir com novas possibilidades de construções de territórios de liberdade. O que queríamos compreender eram os movimentos sociais que surgiram nas regiões mais adensadas das cidades, os quais se caracterizam por cortes nas produções de subjetividades padronizadoras dos corpos e das mentes. Como estes movimentos sociais, compostos por moradores das regiões urbanas mais castigadas pelos descasos do poder público, podem ter surgido como um corte radical nas produção de subjetividade capitalística trazendo novos meios de expressão dentre elas: as preocupações ecológicas que incluem agroflorestamento, agroecologia, agricultura familiar, produção áudio-visual e construção de parques ecológicos?.

Os vasculhamentos nas redes digitais, não se esquecendo de frisar que o isolamento social decorrente da pandemia, nos impulsionou aos mergulhos em leituras dos textos de Guattari e nas buscas de novos encontros potencializadores; numa destas pesquisas encontramos um canal de curtas-metragens e começamos a ver os documentários, a ponto de ver muitos deles, sobretudo os relativos as periferias latino-americanas; nestas apreciações encontramos com um curta-metragem que possuía o

título “Verdejar”¹. Ora, este encontro marcou um ponto de intensificação de nossas pesquisas, disparou novos modos de relacionar as colocações de Guattari a partir da ecosofia com as lutas de populações periféricas, localizadas no subúrbio da Leopoldina, na cidade do Rio de Janeiro, em preservar uma faixa reduzidíssima de Mata Atlântica. No entanto, o que começamos aprender foi a olhar como esses movimento se articulavam com outros movimentos existentes em complexos de comunidades que habitam o maciço da Serra da Misericórdia.

Os encontros com os movimentos ecológicos nos motivaram cada vez mais a pensar as relações entre os diversos modos existentes, os modos ditos vivos, os quais se individualam mantendo relações com os meios ambientes, com o entorno. Portanto, ao falarmos de indivíduos, tratamos do par indivíduo e meio; ora, o que aprendemos com Deleuze-Guattari, via Simondon, é que jamais podemos pensar a individuação iluminando apenas o indivíduo, muito pelo contrário, trata-se de desvincular a primazia do indivíduo em meio ao processo de individuação. Na verdade, o que denominamos indivíduo, nada mais é do que “um individualizar-se”; tal processo ocorre inseparável do vínculo com o meio. A questão a ser colocada é: como compreender o processos de individuação quando os indivíduos incineram o meio? A questão nos deixa em aturdimento, em desespero, justamente por ouvirmos discursos oficiais que dizem que os incineradores são os povos ditos originários que habitam, no caso, a Floresta Amazônica. O que sempre nos chama atenção, em Félix Guattari, é o seu cuidado

¹ Ver as considerações pelos participantes deste movimento ecológico em <https://www.verdejar.org/>

em tratar a produção de subjetividade e os processos de singularização, as maneiras em que sempre esforçou-se cuidadosamente em desvincular a produção de subjetividade daquela face à individuação; sendo este um dos pontos que nos ocupamos em trabalhá-lo de modo detalhado..

Guattari teria muitos elementos para escrever vários artigos e livros sobre o tempo em que vivemos, consideraremos de início o tema da “prudência” que aparece em Mil Platôs, este tema quando é debatido nos circuitos filosóficos, sobretudo por aqueles que se dizem especialistas em Deleuze- Guattari vem quase sempre manifestado através de um propósito psicanalítico moralista. As exposições de Guattari sobre este tema, o qual apareceu no livro Mil Platôs, são endereçadas ao seu interlocutor Laymert Garcia do Santos, tais entrevistas são encontradas no livro *Confrontações* publicado pela *n-1 edições*. As indagações dizem respeito ao que escrevera junto com Deleuze ser uma filosofia de vida, uma filosofia para ser vivida e não pensada; portanto, o aparecimento do conceito de prudência soaria como algo destoante. Ora, mas a vida sendo circunstanciada de toda loucura e morte pode cair no “buraco negro”. O interlocutor se pergunta se é mesmo possível seguir a recomendação de prudência, uma vez que ao ser mais aberto aos devires e a violência desses processos em devires é impossível não levar em conta os riscos de ser tomado pela viagem. Guattari prontamente responde:

Creio que a precaução que você aponta é importante – pois não falamos de modo algum de viagem, no sentido da trip americana, com todo um pano de fundo quase que místico que a noção de viagem assumiu em, digamos, toda a nova cultura. Em vez de viagem, eu falaria, de maneira mais prosaica, de processo. Em meu entender, não existe um

nível indiferenciado de subjetividade; a subjetividade esta sempre à voltas com rizomas, fluxos, máquinas, é sempre altamente diferenciada, sempre processual” (GUATTARI, 2016, p.18).

Como seriam as considerações de Guattari sobre estes momentos de pandemia? Não podemos se quer imaginar, por isto mesmo procuraremos tecer nossos aprendizados durante a pandemia, sem ao menos esperar “um novo normal”, procuraremos pensar com Guattari o novo anormal, que será justamente o período de pós-pandemia. Os motivos que nos orientam nestes aprendizados decorrem do que Guattari expressou em algumas de suas entrevistas, sobretudo em meio à prudência que devemos ter em meios às percepções das mudanças que ocorrem corroendo as instituições políticas e aumentando a miséria. As entrevistas que estamos acompanhando se deram em setembro de 1982, o que vemos, nestes anos que se passaram, foram que muitas tendências ao buraco negro continuam a ocorrer com maiores frequencias. Como construir linhas de fugas coletivas, nas quais as potencias criativas podem vir à tona, assumindo e espalhando novos território existenciais?

“Portanto, um empreendimento esquizonalítico, um agenciamento criador, produtor de novas realidades, é algo que conjuga, associa, neutraliza, monta outros processos. Mas os efeitos não são necessariamente cumulativos. Há processos que podem se complementar para desembocarem em territórios mortos. Infelizmente isso é o que com frequência na economia conjugal, na economia domestica; duas pessoas estão engajadas em processo amorosos que podem se complementar para desembocarem em territórios mortos.” (Guattari, 2016, p.18).

Os nossos aprendizados sobre política lendo Guattari, não é de modo nenhum algo que remete ao indivíduo, mas às produções coletivas; sendo este os pontos que queremos sublinhar como meios de dizer das cartografias que viemos fazendo através dos meios maquínicos já assinalados como os recursos áudios-visuais encontrados na rede digital de computadores. Dizemos dos recortes de movimentos ecológicos e políticos que emergem nas localidades mais ameaçadas pelos descasos e pelas evasivas habituais dos poderes públicos. A leitura que fazemos da prudência caminha neste sentido de tentarmos fazer política seguindo com Guattari.

A questão da prudência surgiu precisamente em relação às mitologias espontaneístas de uma certa época. Não se tratava de tudo e de qualquer coisa, de improvisação, de “liberou geral” etc. é muito mais a idéia de levar em consideração tanto a riqueza quanto a precariedade desses processos. Poderíamos invocar muitíssimos exemplos. (GUATTARI, 2016, p.18)

A citação acima nos chama atenção justamente por termos levados a pensar nos movimentos sociais que surgem nas regiões mais próximas dos “buracos negros”, justamente porque nestes meios a prudência é coletiva, os componentes dos movimentos sociais não aderiram ao crime; inclusive em varas falas dos que compõem tais movimentos, encontramos enunciados que se repetem dizendo que a criminalização é para crimes e criminosos, não para a pobreza e territórios.

Nos aprendizados na pandemia, a partir das leituras de Guattari, encontramos o conceito de prudência coletiva. Os aprendizados dizem respeito aos pensadores e pensadoras que tínhamos contatos, mas também em relação alguns que não os conhecíamos, sendo que deste modo pro-

curamos trazê-los em nossas considerações. O que quer dizer que nestes tempos de desesperos sentimos empatias pelos que perderam seus próximos pelos vírus, sentimos empatias por aqueles que partiram devido aos descasos do poder público, do governo incapaz, o qual fez do Estado um elemento de descrédito. Neste ambiente desfavorável, aprendemos a ler o filósofo Gilles Deleuze de outras maneiras das que estávamos habituados, não que tenhamos desprezados tais leituras; mas, sobretudo por nos atermos a importância das conversações com Claire Parnet no *Abecedário*; neste ponto, o que nos chama atenção é quando *o filósofo da diferença* se pergunta: “*como podem milhões de pessoas passar fome no mundo?*” O que destacamos a partir desta indagação é que o filósofo que sempre se preocupou com o *conceito enquanto acontecimento* toca num problema material e vital. O que podemos dizer, em termos de aprendizados, é que o filósofo nos apresenta o acontecimento, fome no mundo, afirmando que este não será minimizado pelo controle da natalidade. Ora, aqui sublinhamos o teor do aprendizado por imediatamente relacionarmos sua afirmação com o pensador *Josué de Castro*. Todavia, ao nos remetermos ao Josué de Castro destacamos seus dois livros *Geografia da Fome e Geopolítica da Fome*; no mesmo intuito em que ligamos Deleuze ao Josué de Castro, buscamos relacionar o livro de *Carolina de Jesus – Quarto de Despejo* que trata justamente do problema da fome enquanto moradora da *favela do Canindé em São Paulo nos idos de 1955*.

O tema do controle da natalidade colocado de maneira hábil por Deleuze, remete justamente à herança que deriva dos argumentos cons-

truídos por *Thomas Malthus* para tratar do aparecimento do números de famintos no mundo. Ora, Josué de Castro é visto, aqui neste escrito, como aquele que mais contra-argumentou em relação aos neo-malthusianos. Portanto, ao tratarmos de *Josué de Castro* imediatamente nos remetemos para a pensadora Carolina de Jesus, a qual sublinhou que sua prole, seus filhos, apesar de conviverem diante da fome, não eram considerados por ela enquanto *famintos*, mas sim como *famélicos*.

O tema da fome é premente no mundo, assim como o problema da escassez de recursos para educação e saúde em todos os níveis. Ora, o que aprendemos na pandemia é que daqui em diante deveremos nos preocupar com estes aspectos, pois *a relação entre corpo e mente* nos solicita a pensar com acuidade em tessituras de *políticas públicas*, em fomentar discussões para que o *Estado* garanta investimentos de alcance para todas as camadas da população e que uma vida possa ser digna de ser vivida, sobretudo em relação àquelas que são mais necessitadas por viverem em condições de vulnerabilidade.

O que aprendemos nestes momentos de isolamentos, durante à pandemia, foi justamente olhar para as populações e os territórios que nos constituem. Ora, por estarmos vivendo no *Brasil*, um país da *América Latina*, em que existem a cada dia um maior número de óbitos e infectados, buscamos encontrar com as populações - através de textos, livros, artigos e pesquisas - meios adequados para o futuro melhor de nossas gerações.

As pesquisas que nos remetem para o que ocorrera nos pós-guerra, sobretudo nos dez anos posteriores ao término dos conflitos; que nos

move nestas direções é o entrelaçamento dos livros de Carolina de Jesus – *Quarto de Despejo* – com as pesquisas de Josué de Castro no que diz respeito à erradicação da fome. Nesse sentido, além deste aspecto, é preciso considerar como ambos foram testemunhas oculares e imanentes do que é habitar as periferias das grandes cidades; no caso, de Carolina de Jesus, a favela do Canindé em São Paulo; e no que diz respeito ao Josué de Castro em relação aos mangues do Recife. O que aprendemos nesta pandemia é que as populações mais acometidas das infecções e óbitos conseqüentes do coronavírus foram e são habitantes das comunidades em que impera a escassez de recursos no que diz respeito à educação, saúde, moradia e saneamento básico. O problema da fome não pode ser dissociado destes fatores necessários à qualquer vida dita humana, sem esquecer das relações das vidas humanas com o seu meio ambiente.

O *primeiro aprendizado* a ser apresentado é aquele que nos leva a discorrer sobre o que na escritura, na literatura, de *Carolina de Jesus* saltou aos olhos dos estudantes da época; estamos dizendo de 1955, dez anos após o término da segunda guerra mundial; neste ano, é que começa o diário intitulado “*Quarto de Despejo*”, o livro motivou o aparecimento do MUD - *Movimento Universitário de Desfavelamento*, o qual pesquisamos a partir da dissertação de mestrado em arquitetura defendida por *Jorge Paulino, na USP – Universidade de São Paulo* cujo título – *O pensamento sobre as favelas de São Paulo: Uma história concisa das favelas paulistanas* – nos concedeu meios para aprender sobre o modo como as vivências de Carolina de Jesus foram fecundas para o trabalho do jovem

arquiteto e, também para os nossos aprendizados. Nesta dissertação de Jorge Paulino, encontramos, no capítulo 3 – “*O pensamento sobre a favela em São Paulo – um panorama histórico de 1950-1970*” –, muitas referências ao aparecimento do *fenômeno da favela*, o que quer dizer que neste período o aumento da miséria e da pobreza tornou-se visível; o que é importante estabelecer é que onde existe o capitalismo ocorre o fenômeno crescente da *pauperização*; no entanto, o que mais queremos sublinhar é como neste bolsões de miséria surgiram a *literatura de Carolina de Jesus e o pensamento político e científico de Josué de Castro*. Nesse sentido, a escritura de Carolina de Jesus influenciou nossos enfoques sobre a educação, uma vez que a partir do isolamento relativo à pandemia, começamos por considerar o quanto temos a contribuir com a transformação deste país; não podemos deixar de inserir em nossas praticas de lecionar, a importância da literatura, sobretudo quando constatamos que nos lugares onde as populações mais sofrem os descasos do poder público é que estão localizados os escritores, cientistas e filósofos em potencial. Em síntese, assim como a literatura de Carolina de Jesus impulsionou o aparecimento do *MUD – Movimento Universitário de Desfavelamento*, do mesmo modo podemos dizer como os livros de *Josué de Castro - Geografia da Fome e Geopolítica da Fome* – contribuíram para as transformações no semiárido brasileiro, sobretudo quando do aparecimento de vários movimentos sociais, os quais desenvolveram propostas de ações em torno dos problemas mais cruciais que assolavam as populações das região nordeste, dentre tais movimentos sociais surgiu a *ASA – Articulações do Semiárido*.

A pensadora Carolina de Jesus, em Diário de Birita, em apresenta fatos de sua vida quando criança, na cidade Sacramento em Minas Gerais, retrata que as populações negras sofreram no período abolicionista o que repercutiu até os dias atuais quando se trata de trabalhar as questões sobre o racismo.

No ano de 1925 as escolas admitiam as alunas negras. Mas, quando voltavam das escolas, estavam chorando. Dizendo que não queiram voltar à escola porque os brancos falavam que os negros eram fedidos. (JESUS,P.38)

O *segundo aprendizado* é justamente o que decorre das leituras dos livros de Josué de Castro, sobretudo “*Homens e caranguejos*” em que assistimos as narrativas das populações que deixaram o sertão buscando melhores condições de vida na cidade do Recife, nestas narrativas entramos em contato com as enunciações que propiciam as riquezas da literatura de Josué de Castro, o que nos leva aprender como neste momento de pandemia já se anuncia nos vos martírios para as populações mais vulneráveis que habitam as regiões periféricas das grandes cidades; nós passamos a olhar para o futuro sabendo que o aumento da fome, como consequência da degradação ambiental, já estava sendo anunciada por Josué de Castro em seus livros. O aprendizado que retiramos de suas leituras são aqueles que nos solicitam nas buscas de conexões com os povos que habitam os continentes latino-americanos e africanos para que nossas pesquisas não sejam fomentadoras de novos colonialismos.

O propósito de ressaltar estes aprendizados não é outro do que questionar como será o nosso modo de lecionar após o término da pan-

demia, O nosso foco é gerar novas modalidades de currículo para que o ensino da filosofia e das ciências humanas possa ter conteúdos que remetam a s relações entre e geopolítica e geofilosofia assim como também trazer considerações sobre a geo-história e às geociências; tais conexões são tentativas para descolonizarmos o pensamento em suas mais variadas vertentes. Como ensinar a filosofia e ciências humanas após a pandemia? Como deixar de lado os escrito de Josué Castro?

O assunto deste livro é bastante delicado e perigoso. A tal ponto delicado e perigoso que se constituiu num dos tabus de nossa civilização. É realmente estranho, chocante, o fato de que, num mundo como o nosso, caracterizado portãoexcessiva capacidade de escrever-se e de publicar-se, haja até hoje tão poucacoisaescritaacerca do fenômeno da fome, em suas diferentes manifestações.Consultandoa bibliografia mundial sobre o assunto, verifica-se a sua extrema exigüidade. Extrema quando a pomos em contraste com a minuciosa abundância de trabalhos sobre temasoutros de muito menor significação. Tal pobreza bibliográfica se apresenta ainda mais estranha e mais chocante quando meditamos acerca do conteúdo do tema da fome — de sua transcendental importância e de sua categórica finalidade orgânica (CASTRO, 200, p.19).

O terceiro aprendizado é aquele que nos traz contentamentos em vermos como os movimentos sociais, sobretudo as regiões periféricas da cidade do Rio de Janeiro já incorporam as tecnologias sócias hídricas trazidas através de capacitações pela Articulação do Semiárido. A importância daquilo que *Gilles Deleuze e Félix Guattari* concebem, no livro *O que é a filosofia?*, como da maior importância, a relação entre pensamento, terra, e território nos leva à compreensão do que os autores denominam *de o povo e a terra porvir*; de certo modo já vem sendo praticado no semia-

rido brasileiro, sobretudo quando se trata da transição do paradigma do combate à seca para o da convivência com o semiárido; sendo que tal povo e tal terra a partir das transições entre paradigmas, começa a se conectar às aquelas populações de África, sobretudo aquelas que habitam algumas regiões do Senegal.

Em notícias recentes e surpreendentes constatamos que em algumas regiões do continente africano começaram por receber cisternas de placas, não podemos deixar de expressar contentamentos. Nas nossas pesquisas sobre *geofilosofia e convivência com o semiárido, na região do Cariri cearense*, conseguimos gradativamente aprender da importância das relações entre as populações e os territórios, sobretudo da importância das tecnologias sociais hídricas dentre as quais as cisternas de placas são componentes essenciais. Os nossos aprendizados na pandemia nos levaram às afirmações dos projetos desenvolvidos pelos movimentos sociais os quais decorrem das formulações de Josué de Castro quando ressalta que a fome é um fenômeno social, e também de seus esforços para pensar a região nordeste distante dos modelos centrados no combate à seca. Os movimentos sociais que conseguiram efetivar a implementação das cisternas de placas enquanto políticas públicas por boa parte do semiárido, contribuem para tal implementação no continente africano.

Nestas considerações sobre a importância das cisternas de placas, não podemos deixar de citar o seu criador, o pedreiro *Manoel Apolônio de Carvalho* mais conhecido como “*Nel*”, morador do sertão nas divisas do estados de *Sergipe* e *Bahia*, residindo respectivamente nas cidades de

Simão Dias (SE) e Jeremoabo (BA); as cisternas de placas, as quais foram inventadas e criadas por Nel a partir dos verdadeiros problemas que viveu em boa parte de sua vida no sertão, se espalham pelo semiárido brasileiro, e começando por serem implementadas no continente africano.

As convivências entre populações que habitam as regiões de clima semirido tanto na América Latina quanto na África começam por serem cada vez mais próximas; em El Salvador, por exemplo, na região denominada Corredor Seco já existem algumas cisternas de placas sendo utilizadas pela população. No continente africano, sobretudo no Senegal, esta tecnologia de captação de água começa por ser implementada e financiada pela Fundação para Agricultura e Alimentação (FAO) da Organização das Nações Unidas (ONU). Não podemos deixar de citar dos pontos imprescindíveis nestes aprendizados obtidos no período de pandemia. O primeiro, no que tange a implementação desta tecnologia social no continente africano, faz parte da extensão do Projeto Um Milhão de Cisternas que foi desenvolvido a partir das soluções encontradas pelas populações e os movimentos sociais. O segundo, diz respeito a importância de Josué de Castro, o qual foi presidente da FAO e que através dos seus escritos sempre alertou para o problema da fome como um fenômeno social, o que incentivou em muito o modo de pensar que passou a ser denominado de “convivência com o semiárido”.

As populações do semiárido brasileiro, que conseguiram solucionar problemas cruciais que eram obstáculos para suas existências, estão gerando novas possibilidades de sociabilidades também entre povos de outros continentes, sobretudo as populações que habitam a região do *Sahel*

africano, o qual se estende entre o deserto do Sarar e as savanas do Sudão, nesta faixa territorial o clima é semelhante ao do semiárido brasileiro. Nestas regiões, com zonas muito secas, começam a chegar as agricultoras brasileiras trazendo suas experiências e desenvolvendo capacitações a fim de colaborar para as implementações de cisternas de placas.

A importância de apresentar as invenções de “Nel” em relação aas cisternas de placa, dizem respeito ao que solicita o pensamento a pensar; em nossas pesquisas filosóficas sempre consideramos sobre o aspecto da colocação dos problemas, que é preciso recolocar os problemas de modo a considerá-los mais em relação tempo do que ao espaço, a potencia da duração de uma vida, de várias singulares, sobretudo dos que compõem os povos que habitam o semiárido, levaram o pedreiro Nel a partir de sua experiência imanente de ter habitado o sertão antes de ir para São Paulo para trabalhar na construção de piscinas, o levou à produção da Idéia e posteriormente atualizá-la em torno de uma matéria. O trabalho do Nel é importantíssimo para as populações do semiárido, uma vez que através da cisternas de placas conseguiram continuar existindo e convivendo em seus territórios. A inventividade e criatividade de Nel, o levou a ser agraciado e homenageado pela ASA- Articulação do Semiárido por ter contribuído para reverter os piores índices de desenvolvimento humano a partir de novos convívios gerados no semiárido a partir das novas tecnologias sócias hídricas.

A importância de “Nel” é apresentada por *Fernando de Oliveira Freire* em sua dissertação – *Etnomatemática; o saber-fazer dos cisterneiros do semiárido brasileiro e suas contribuições para o ensino aprendiza-*

gem da matemática escolar, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), do Campus Avançado Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), ofertado em parceria com a Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino, área de concentração: Educação Básica, linha de pesquisa: Ciências Exatas e Ambientais tendo como orientadora a Profa. Dra. Maria do Socorro da Silva Batista.

Na dissertação acima, encontramos meios de compreender como a convivência com o semiárido vem gerando nestes últimos vinte anos, novos movimentos em termos de pesquisa, ensino em torno da etnomatemática, tais dados nos permitem relacionar aos conceitos de povo e terra porvir os quais aparecem na geofilosofia segundo Deleuze-Guattari. Por justamente termos visto que durante aula de campo, em que os estudantes participaram percebendo como as cisternas são construídas, os mesmos tiveram a experiência de entrar em contato com problemas com questões de geometria tratadas de modo prático. Nesse sentido, podemos sentir que Deleuze-Guattari quando afirmam que o pensamento tem a ver com a relação entre povo e território.

Aprendizados em convivência com o semiárido

Nestas apresentações de nossos aprendizados durante a pandemia, não podemos deixar de sublinhar o quanto aprendemos através

das relações que buscamos tecer entre geo-filosofia e convivência com o semiárido, sem deixar de acrescentar que o tema da convivência com o semiárido é o que nos pretendemos abordar com mais ênfase. Nestas conversações buscamos apresentar os aprendizados adquiridos nas atividades do projeto de extensão *Geo-filosofia e convivência com o semiárido*, o qual desenvolvemos no curso de filosofia da *Universidade Federal do Cariri, campus Juazeiro do Norte, no Ceará*. Os dados mais relevantes, para que a apresentação destes aprendizados possa ser acompanhada, são aqueles que descrevem as parcerias entre dois projetos; o primeiro sendo um projeto de iniciação científica junto aos estudantes de ensino médio da rede pública estadual, e o segundo um projeto de extensão junto aos estudantes de ensino superior. As relações entre os dois projetos nos permitiram aprender como as relações entre a pesquisa e a extensão são relevantes para nossas práticas de lecionarmos filosofia na região do Cariri cearense, sobretudo quando conectadas à não-filosofia.

Nos esforços de buscar conectar as pesquisas em torno da geo-filosofia com aquelas já existentes sobre o paradigma de convivência com o semiárido, faremos indicações dos estudos realizados pelo professor de filosofia *Roberto Marinho Alves da Silva*, da *Universidade Federal do Rio Grande do Norte*, em seu artigo cujo título é *Entre dois paradigmas: docombate à seca e convivência com o semiárido*. O autor possui grande importância nesta pesquisa, uma vez que foi o primeiro a desenvolver tese de doutorado sobre o tema. De início, indicaremos o que afirma sobre quais seus objetivos de pesquisa no artigo supra-citado:

Grande parte dos diagnósticos e proposições sobre o semi-árido brasileiro tem como referência imagens historicamente construídas sobre um espaço-problema, terra das secas e da miséria. Na primeira metade do século XX, surgem olhares críticos sobre as causas estruturais e conseqüências da miséria regional. Essa perspectiva crítica volta a ganhar força na década de 1980, com as propostas e ações para convivência com o semi-árido. Tanto o combate à seca quanto a convivência com o semi-árido vinculam-se a visões de mundo que orientam os conhecimentos e práticas dos atores sociais, influenciando a formulação e execução de políticas públicas no semiárido. O presente artigo analisa as relações entre essas duas perspectivas com os diferentes paradigmas de desenvolvimento no semi-árido brasileiro. (ALVES DA SILVA, 2003,p.361).

A importância das pesquisas em torno do semiárido remete às mudanças ocorridas nos modos de tratar os problemas que se avolumaram ao longo de décadas, sendo que tais problemas somente começaram a ser tratados com proximidade a partir das últimas décadas do século XX; a partir do ano 2000 ocorreram vários encontros entre pesquisadores e movimentos sociais despertando maiores interesses para a solução dos problemas prementes; consideramos o sentido e o valor dado ao modo de produção de novas tecnologias sociais, as quais possibilitaram o melhor acesso das populações habitantes do semiárido, sobretudo no que diz respeito às tecnologias hídricas e de plantio; um novo povo e uma nova terra começou a emergir mediante os aparecimentos de pesquisas entre movimentos fomentadores de outras modalidades de convívios sociais. Ao tratarmos da transição entre o paradigma da seca ao da convivência com o semiárido, estamos tratando da geografia e de história do Brasil, através de outras perspectivas, sendo justamente por estes motivos que buscamos fazer sempre referências aos estudos de geofilosofia e geopolítica. No entan-

to, não podemos esquecer do pensador Josué de Castro como aquele que se dedicou a solucionar o problema da fome enquanto fenômeno social, inicialmente suas pesquisas e ações se deram em direção ao nordeste, ao semiárido brasileiro, posteriormente percebeu que tal fenômeno ocorria em todo o mundo, sobretudo nos países subdesenvolvidos. Nas pesquisas em torno da influencia do pensamento de Josué de Castro nos movimentos sociais, encontramos ecos nos projetos e conseqüentemente nas políticas públicas fomentadas no semiárido, a partir da ASA- Articulação do Semi-árido; tais políticas públicas geraram a expansão da produção de água, as expansões ocorreram quando a água passou a ser associada ao projeto que visava à construção de um milhão de cisternas, como também do projeto em torno uma terra e duas águas: os projetos PIMC P 1+2. A relevância dos projetos de pesquisa e extensão em torno da convivência semiárido é aquela em que aparece a importante indagação: o que é a seca em relação às intermitências de chuvas? A indagação leva-nos em direção da valorização das políticas públicas, as quais implantadas geraram as modificações as quais tornaram as populações mais confiantes quanto ao seus papéis de protagonistas em novos modos de sociabilidades. O paradigma da convivência do semiárido traz um sentido e valor distanciando-se do paradigma de com bate à seca

Com base nesse paradigma, o semi-árido é visto a partir de uma perspectiva utilitarista de ocupação e de aproveitamento de seus recursos, transformando-os em riquezas. As ações dos governos trilham essa lógica. A seca surge como empecilho natural, um elemento que deve ser combatido. Por isso a lógica do combate à seca é reducionista. Resulta na manutenção da miséria. Funciona como uma estratégia perversa de manutenção e controle de uma região que, a princípio, e com raras

exceções, não cabe na lógica do modelo de desenvolvimento que predomina. (ALVES DA SILVA p.372).

O paradigma da convivência também visa à riqueza, porém uma riqueza distribuída que percebe a população como sua maior fonte, sobretudo quando compreende os verdadeiros problemas dos territórios buscando por soluções mais adequadas, sem contudo atentar contra a adequação de convívios entre o humano e a natureza, entre os humanos e as vegetações, entre os humanos e os animais, entre os humanos e os minerais; porque na verdade tais separações são idéias inadequadas, as quais promovem os iminentes desastres catástrofes.

Conclusão

Nas nossas quase conclusões, considerando que prosseguiremos as pesquisas, não podemos deixar de fazer citações de autores que nos impactaram, tais autores são aqueles que conseguiram trazer em suas escrituras, o que as populações que vivem nas periferias experimentam ao longo da história deste país, sobretudo a partir do pós-guerra. Guattari com sua percepção aguçada nos levou a olhar com maior acuidade para os movimentos sociais que emergem nas periferias dos grandes conglomerados urbanos, sendo que tais movimentos não somente trazem reivindicações em relação à violência do Estado, mas também geram e trazem novas modalidades de compreensão sobre a importância de atualizar processos que tragam à tona as narrativas existentes nestas localidades, sem no entanto esquecerem produção de novos modos de subjetividades

pelas quais os meios digitais contemporâneos são utilizados como modos de fazer as comunidades periféricas mais próximas umas das outras e conseqüentemente mais resistentes ao sistema.

Referências Bibliográficas

ASA (Articulação do Semi-Árido Brasileiro). Programa de Formação e Mobilização Social Para a Convivência com o Semi-Árido. Recife: ASA, 2001. Mimeogr.

CASTRO, Josué. Sete palmos de terra e um caixão: ensaio sobre o Nordeste, área explosiva. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.

_____. Documentário do Nordeste. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1968.

_____. Geografia da fome: o dilema brasileiro – pão ou aço. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

DA SILVA, Roberto Marinho Alves. Sociedade e Estado, Brasília, v. 18, n. 1/2, p. 361-385, jan./dez. 2003

_____. Convivência com o Semiárido Brasileiro: Autonomia e Protagonismo Social, Editora IABS, Brasília-DF, Brasil – 2013b.

DELEUZE, Gilles. O abecedário de Gilles Deleuze, entrevista a Claire Parnet, em 1988, em vídeo, transcrito e traduzido por Tomás Tadeu da Silva, incluído no site “Máquina da diferença”, www.ufrgs.br/faced/tomaz, acessado em fev. de 2003.

_____. e GUATTARI, F. Mil Platôs. 2 ed. tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão São Paulo: Editora34, 1996. v.1.

_____. tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora34, 1995. v.2 .

_____. Mil Platôs. tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. — R São Paulo: Editora34, 1996 . v.3.

_____. Mil Platôs. tradução de Suely Rolnik São Paulo: Editora34, 1997. v.4.

_____. Mil Platôs. tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa São Paulo: Editora34, 1997. v.5.

_____. O que é a Filosofia?. Tradução Bento Prado Junior e Alberto Alonso Muñoz. 2 ed. São Paulo: Editora34, 1997.

FREIRE, Fernando de Oliveira. Etnomatemática: O saber-fazer dos cisterneiros do Semiárido brasileiro e suas contribuições para o ensino

aprendizagem da matemática escolar/Fernando de Oliveira Freire. - Pau dos Ferros, RN, 2019.194p

GUATTARI, Félix Confrontações. Conversas com Kuniichi Uno e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 Edições, 2016.

JESUS, Carolina Maria de.Quarto de Despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. Diário de Bitita. Rio de Janeiro: Nova-Fronteira, 1986.

VERDEJAR, Sócio-ambiental, <https://www.verdejar.org/>